



## SOCIEDADE

# Expectativa de vida supera nível pré-covid

Levantamento do IBGE mostra que, em 2023, longevidade do brasileiro chegou aos 76,4 anos, maior do que o índice registrado em 2019 — 76,2. Em 84 anos de medição, tempo médio de vida aumentou 68%

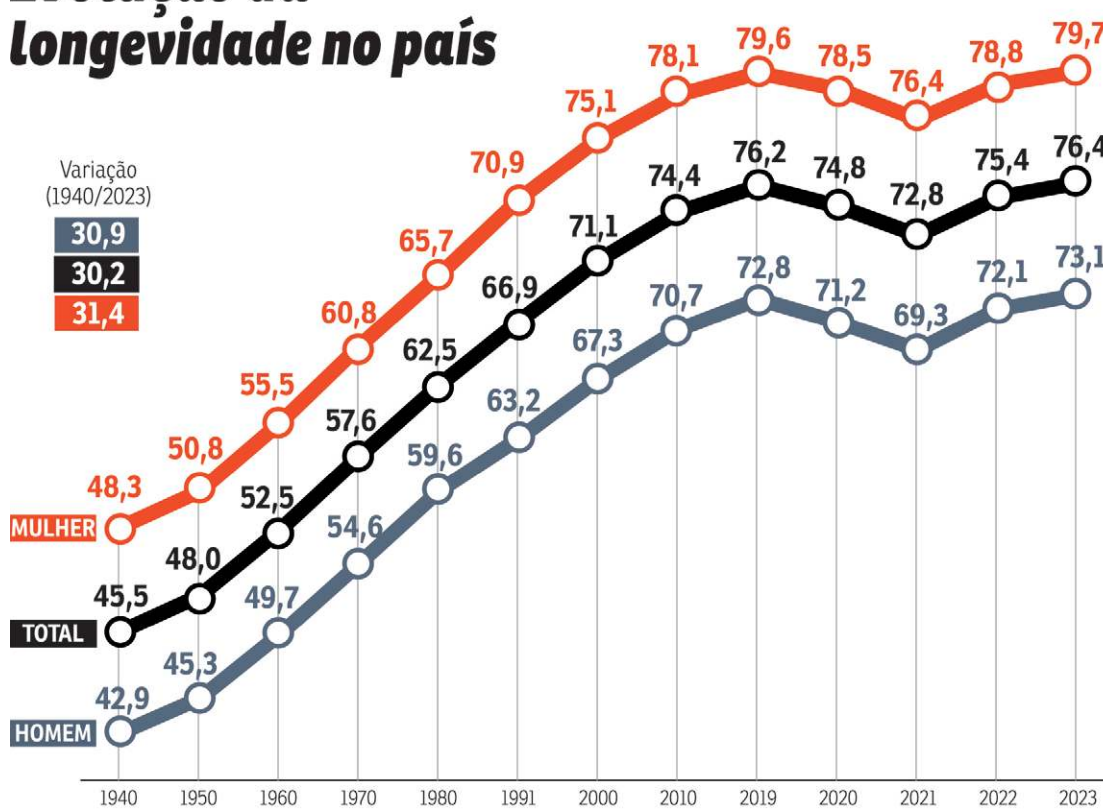
» IAGO MAC CORD\*

A expectativa de vida do brasileiro voltou aos patamares pré-pandemia de covid-19. Segundo dados da *Tábua de Mortalidade 2023*, divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2023 o país superou o patamar de antes da crise sanitária mundial e atingiu a marca histórica de para 76,4 anos no ano passado — superando 2019, quando o índice foi de 76,2.

O levantamento do IBGE apontou, também, que a expectativa de vida média dos homens é de 73,1 anos, um aumento de 12,4 meses em relação a 2022. Já as mulheres tiveram um aumento de 10,5 meses: média de 79,7 anos de vida. Nos últimos 84 anos, a expectativa de vida média do brasileiro aumentou em 68% — saiu dos 45,5 anos registrados em 1940 para os 76,4 anos de 2023.

Izabel Marri, gerente de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica do IBGE, explicou ao **Correio** que o aumento absoluto entre 2022 e 2023 é conjuntural. Ou seja: a expectativa de vida dois anos atrás estava abaixo do esperado num contexto sem pandemia, e a redução dos óbitos excedentes, causados pelo coronavírus entre os dois anos, “fez com que o ganho fosse também maior”. “A partir de 2023 e 2024, esperamos que haja um crescimento

## Evolução da longevidade no país



Fontes: Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica (tábuas de 1940, 1950, 1960 e 1970) e IBGE

menor, mas constante, voltando à tendência esperada de ganhos na expectativa de vida ao nascer”, explicou.

Ainda segundo Izabel, com exceção dos anos afetados pela pandemia, houve ganhos nas expectativas de vida médias em todas

as faixas etárias. Ela afirmou não ser possível apontar um único fator como o responsável pelo aumento nos últimos anos. A pesquisadora observa que “o conjunto de melhorias nas condições de vida, no aumento da escolaridade, na renda e nas políticas de

atendimento à saúde da população” são os maiores responsáveis por esse crescimento.

### Mortalidade infantil

A *Tábua de Mortalidade* também mostrou que de 1940 até

2023, a Taxa de Mortalidade infantil (TMI) caiu 91,5%. Ao longo da II Guerra Mundial (1939-1945), a TMI brasileira por cada mil nascimentos era de 146,6. Em 2023, a taxa caiu para 12,5 óbitos, sendo 13,5 para crianças do sexo masculino e 11,4 para as do sexo feminino.

Ainda segundo o levantamento do IBGE, a taxa de mortalidade de crianças com menos de cinco anos por cada mil nascimentos caiu de 76,7 (em 1940) para 2,2 (em 2023), uma redução de 97,1%. O índice, porém, ficou estável nos últimos dois anos da série — 2022 teve uma taxa de 2,3.

A pesquisa do IBGE trouxe, ainda, dados que mostram que homens de 20 a 24 anos têm 4,1 vezes mais chances de morrer do que as mulheres. “Um homem de 20 anos tem 4,1 vezes mais chance de não completar os 25 anos do que uma mulher do mesmo grupo de idade. Esse fenômeno pode ser explicado pela maior incidência dos óbitos por causas externas ou não naturais, que atingem com maior intensidade a população masculina”, salienta o levantamento.

As informações sobre a expectativa de vida do brasileiro são usadas como um dos parâmetros para determinar o fator previdenciário, no cálculo das aposentadorias do Regime Geral de Previdência Social.

## Quando a idade não é barreira para se manter ativo

Fotos: Arquivos pessoais

A retomada do aumento da longevidade do brasileiro coincide com o fato de que o país, atualmente, tem o homem mais velho do mundo. Trata-se do cearense João Marinho Neto, de 112 anos, segundo o ranking do Longevity-Quest. Alcançou o posto na segunda-feira, depois de ser reconhecido como o homem mais velho do Brasil e da América latina. Antes dele, o inglês John Tinniswood, de 111 anos e que morreu poucos meses após receber o título, era o homem mais idoso do planeta.

Marinho teve quatro filhos e perdeu a mulher em 1994, com 74 anos. Mas a vida não parou. Pouco tempo depois, casou-se novamente com Antonia Rodrigues Moura e teve mais três filhos. Atualmente, tem seis filhos vivos, 22 netos, 15 bisnetos e três tataranetos.

Uma vida longa como a de Epifânia Maria de Jesus, de 107 anos. Ela nasceu em 1917 e mudou-se para Brasília em 1958,



Epifânia: em Brasília desde 1958

onde viu a capital sair da poeira e ser erguida no Cerrado. Para ela, a maior lição que a vida deu é que “a esperança não morre”. “A gente sempre tem esperança de que amanhã será outro dia, não é? Amanhã é outro dia”, comentou.

Para Epifânia, o mais importante para se ter uma vida



Rosa: ativa no mercado de trabalho

longeva é ser honesto e saber viver. Ela define “saber viver” como uma arte e diz que Deus deu a ela esse dom. “Sou uma felizarda, cheia de amigos e amigas. Estou de bem com a vida. Não gosto de brigas, gosto da paz de Deus e, com ela, eu vivo”, ensina.

Assim como Epifânia, Rosa



Bartholomeu: de volta aos estudos

Bernhoeft, de 84 anos, mostra que a vida continua independentemente do tempo que se vive nesta terra. Diretora-executiva da Alba Consultoria, diz que uma vida longa e feliz é construída diariamente.

“Na hora em que agradeço meu corpo, na hora em que

agradeço pela próxima hora a ser vivida, quando comprometo meu futuro e digo que não posso desaparecer sem cumprir o contrato. Isso me dá norte”, frisa.

Bartholomeu Ferreira, de 78 anos, também se recusa a parar para não dar vez à “ferrugem” da idade. Estudante de odontologia na Universidade Católica de Brasília, para ele a receita de uma vida feliz e longa se dá pelo cultivo da simplicidade, do equilíbrio, da gratidão e de manter relacionamentos saudáveis.

Bartholomeu ressalta que família e amigos são o alicerce da vida. “Eles dão sentido a tudo. Ao longo dos anos, aprendi que os laços familiares e as amizades verdadeiras são fontes de amor, de apoio e de inspiração, especialmente nos momentos mais difíceis”, salienta. (IMC)

\*Estagiário sob a supervisão de Fabio Grecchi

## CLIMA EXTREMO

# Chuva leva caos a aeroportos

» VINICIUS DORIA

O temporal que desabou sobre São Paulo na noite de quinta-feira causou transtornos, que se estenderam por mais de 24 horas, nos aeroportos de Congonhas, em São Paulo, e Internacional de Guarulhos, na Região Metropolitana da capital paulista — os mais movimentados do país. Quinze partidas e 28 chegadas foram canceladas até o meio da tarde. No início da noite, a administração dos dois complexos informaram que os problemas haviam sido superados pelas empresas aéreas, com a realocação dos passageiros que

perderam o voo na noite anterior, quando 35 decolagens e 37 chegadas foram canceladas por causa do mau tempo.

O caos de quinta-feira provocou um efeito cascata, pois muitos passageiros precisaram ser acomodados em outros voos. Longas filas se formaram nos balcões das aéreas por causa da quantidade de pessoas que precisou remarcar passagens. A maioria só conseguiu embarcar na manhã de ontem.

As aéreas reforçaram o pedido das concessionárias para quem tivesse passagens marcadas para ontem consultasse a

situação do voo. Garantiram, também, que prestaram atendimento a quem não viajou. “A companhia esclarece que está oferecendo toda a assistência necessária aos passageiros, que estão sendo realocados”, informou a Latam.

Segundo a Gol, “os clientes impactados estão recebendo as tratativas previstas pela Resolução 400 da Anac (Agência Nacional de Aviação Civil), com acomodação nos próximos voos”. Ontem de manhã, a companhia desviou oito voos para outros terminais e cancelar 18 que tinham Congonhas como origem ou destino.

Katia Tinoco/CB/D.A Press



Saguão de Congonhas totalmente tomado por causa no atraso dos voos

## PRECONCEITO

# Magistrada na BA critica sistema de cotas raciais

» LUANA PATRIOLINO

A desembargadora Rosita Falcão Maia, do Tribunal de Justiça da Bahia (TJ-BA), fez uma série de ataques ao sistema de cotas raciais nos concursos públicos e nas universidades federais. Durante uma audiência, na quarta-feira, que tinha como objetivo enquadrar uma estudante aprovada em concurso da Corte na lista de candidatos negros, a magistrada associou o sistema à queda de qualidade acadêmica. O comentário teve grande repercussão negativa.

Rosita disse que as cotas vieram “mais para dividir do que para unir a população” e afirmou que o nível das universidades públicas caiu por isso. Defendeu ainda a “meritocracia”. “Esse sistema de cotas veio mais dividindo do que unindo a população. Acho que a meritocracia nas universidades e nos concursos públicos é importantíssima, seja lá de que cor seja o candidato. É importantíssimo que tenhamos pessoas competentes no serviço público, nas universidades, nas faculdades de medicina e direito”, afirmou.

Ela “lamentou” ter que cumprir a lei. “Infelizmente, tem que cumprir a lei, e negros têm direito às suas cotas”, afirmou. Disse também que antes da implementação das cotas, as universidades federais tinham “um nível fantástico” — atualmente, segundo a desembargadora, o desempenho acadêmico está comprometido.

“Na minha época, existiam duas faculdades somente, a Federal e a Católica — e a Federal de Direito era excelente. Hoje em dia, já não é tanto porque todos os professores comentam o desnível, a falta de qualidade do estudante, do estudante que lá está, porque o nível baixou”, disse.

## Reações

A Ordem dos Advogados da Bahia divulgou nota repudiando os comentários de Rosita contra as cotas raciais. Afirmou que o caso foi encaminhado à Procuradoria de Gênero e Raça da OAB-BA, “que adotará providências no TJ-BA”.

“As manifestações da desembargadora contra as cotas raciais, além do teor elitista e racista, concretizam o discurso discriminatório, afrontando a Constituição Federal”, destaca a Ordem.

A Federação Nacional dos Trabalhadores do Judiciário nos Estados (Fenajud) e seu Coletivo de Negras e Negros também se manifestou contra os comentários da desembargadora. “Tais falas inverídicas e inadmissíveis, por parte de uma figura que ocupa posição tão elevada, e do alto dos seus privilégios, reproduz discursos que reforçam exclusões e desrespeitam conquistas sociais fundamentais”, aponta a Fenajud.

Pesquisas, porém, contrariam o que disse a desembargadora. O Censo da Educação Superior 2023, publicado em outubro, mostrou que os estudantes que ingressaram em universidades e instituições federais por meio do sistema de cotas tiveram, em uma década (2014-2023), uma taxa de conclusão 10% maior do que a de não cotistas. No último ano, 51% dos alunos cotistas concluíram o curso, enquanto os não cotistas ficaram em 41%.

O **Correio** entrou em contato com o gabinete da desembargadora, mas não obteve resposta até o fechamento desta edição.